

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**CAMINHOS DO DESENHO:
“caprichos e relaxos”**

Rubia Pezzini

**Porto Alegre
Janeiro de 2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**CAMINHOS DO DESENHO:
“caprichos e relaxos”**

**Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte, do
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.**

Orientadora: Prof. Dra. Paola Zordan

Rubia Pezzini

**Porto Alegre
Janeiro de 2009**

AGRADECIMENTOS

Aos anos que passei em escola pública e aos alunos que contribuíram na construção da minha formação como professora de Artes Visuais e que me levaram rumo ao Curso de Especialização em Pedagogia da Arte.

À professora e orientadora Dra. Paola Zordan, pelo carinho resistente, generosa co-autoria e dedicação em tantas linhas desse trabalho.

À minha mãe Sulma Aliprandini Pezzini, mãos fortes que me sustentaram em momentos difíceis durante esse percurso.

Ao querido Mário Jorge da Silva Castro, pelo amor, companheirismo e incansável apoio.

Às colegas que se tornaram grandes amigas, Carla Binfaré, Mariana Ramos, Adriana Daccache e Goretti, pelas conversas, confissões, risadas, brincadeiras e seriedades.

À Nádia Hamid Pezzini por ter me apresentado à querida Karol, pela disponibilidade de revisão de texto e formatação dessa monografia.

RESUMO

Com a poesia de Leminski, *Caminhos do Desenho: “caprichos e relaxos”* é uma pesquisa que aborda a criação artística em sala de aula como um percurso. Este se dá por meio de linhas traçadas em encontros entre professor e alunos, aulas na escola pública, proposições pedagógicas e questões de uma professora de artes visuais em relação ao desenho na prática escolar. O trabalho apresenta produções de alunos do Ensino Médio da rede pública estadual de Porto Alegre. Trata-se de observar e mostrar um percurso pedagógico, estabelecendo relações entre o caminho da educadora e os acontecimentos de um período letivo. O texto faz conexões entre leituras de Frange, Derdyk, Ostrower e Ana Mae Barbosa, de modo a problematizar a prática relatada, a fim de criar novos percursos e tornar a caminhada mais instigante e imaginativa.

Palavras-chaves: desenho - caminhos – percurso – criação – prática docente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
1 DESENHO: BREVES CONSIDERAÇÕES	10
1.1 A IMPORTÂNCIA DE VER E OBSERVAR	13
1.2 EXPERIMENTAÇÕES E VIVÊNCIAS COM IMAGENS NA ESCOLA: leitura e releitura.....	14
1.3 “O DESENHO É MEU MESMO” – PROCESSOS DE CRIAÇÃO	16
2 CONSTATAÇÕES SOBRE DESENHOS ESCOLARES.....	17
3 DA ABORDAGEM METODOLÓGICA	20
3.1 O CONTEXTO DA PRÁTICA.....	20
3.2 POSSIBILIDADES, AÇÕES E RELATOS DESENVOLVIDOS	21
3.3 REGISTROS	22
4 O MEU CAMINHAR ENTRE CAPRICHOS E RELAXOS	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1: Desenho livre feito para 1º dia de aula de T. A. – 16 anos, p. 08
- Fig. 2: Desenho livre feito para o 1º dia de aula de B.P. - 15 anos, p. 08
- Fig. 3: Desenho livre feito para o 1º dia de aula de M. S. – 17 anos, p. 08
- Fig. 4: Desenho de observação da natureza de W.C. – 15 anos, p. 23
- Fig. 5: Desenho de observação do colega de D.R. – 15 anos, p. 24
- Fig. 6: Desenho de observação da colega de D.R. – 15 anos, p. 24
- Fig. 7: Desenho de observação de auto-retrato de G.M. – 16 anos, p. 24
- Fig. 8: Desenho de observação de um objeto de J.R. – 18 anos, p. 25
- Fig. 9: Desenho de observação de um objeto de D.R. - 15 anos, p. 25
- Fig. 10: Desenho de observação da natureza de M.C. -15 anos, p. 25
- Fig. 11: Desenho de observação da natureza de R.C.C. – 17 anos, p. 25
- Fig. 12: Desenho que complementa colagem de R.C.C. – 17 anos, p. 26
- Fig. 13: Desenho de situação pessoal no “Presente-Passado-Futuro” de B.P. – 15 anos, p. 27
- Fig. 14: Desenho de situação pessoal no “Presente-Passado-Futuro” de B.P. – 15 anos, p. 27
- Fig. 15: Diego Rivera, “O homem, controlador do universo” (1934), afresco,
Museu del Palácio de Bellas Artes, Cidade do México (INBA), p. 30
- Fig. 16: Detalhe do desenho de uma máquina inventada, p. 31
- Fig. 17: Desenho total da máquina inventada por M.N.G. – 15 anos, p. 31
- Fig. 18: Detalhe do desenho de uma máquina inventada, p. 31
- Fig. 19: Salvador Dalí, “Criança Geopolítica Observando o Nascimento do Homem Novo”
1943, p. 33
- Fig. 20: René Magritte, “A Condição Humana” 1935, p. 33
- Fig. 21: Desenho de sonhos imaginados de C.C. – 15 anos, p. 35
- Fig. 22: Desenho de sonhos imaginados de C.C. – 15 anos, p. 35
- Fig. 23: Desenho de sonhos imaginados de R.M. – 17 anos, p. 36
- Fig. 24: Emiliano Di Cavalcanti, “Vaso de Flores” 1929, p. 38
- Fig. 25: Desenho com colagem da releitura da obra de Emiliano Di Cavalcanti,
“Vaso de Flores” de T.S. – 15 anos, p. 38
- Fig. 26: Desenho de releitura de obras modernistas de M.S. – 17 anos, p. 40
- Fig. 27: Desenho de releitura de obras modernistas de R.C.C. – 17 anos, p. 40

- Fig. 28: Desenho de releitura de obras modernistas de T.S. – 15 anos, p. 40
- Fig. 29: Desenho de releitura de obras modernistas de D.S. – 15 anos, p. 40
- Fig. 30: René Magritte, “A voz dos ventos” 1928, p. 42
- Fig. 31: Desenho com colagem da releitura da obra de René Magritte,
“A voz dos ventos” 1928, de N.N. – 15 anos, p. 42
- Fig. 32: Vik Muniz, “Narcissus, After Caravaggio” 2005, p. 43
- Fig. 33: Desenho do projeto do grafite de C.R. – 17 anos, p. 44
- Fig. 34: Desenho do projeto do grafite de T.S. – 15 anos; G.P. – 15 anos, p. 44
- Fig. 35: Desenho do projeto do grafite de G.H.B. – 18 anos, p. 45
- Fig. 36: Desenho do projeto do grafite de R.M. – 17 anos, p. 45
- Fig. 37: Maquete dos alunos G.B. – 16 anos; V.G. – 17 anos, p. 46
- Fig. 38: Maquete dos alunos R.C.C. – 17 anos; B.P. – 15 anos, p. 46
- Fig. 39: Desenho de C.M.S. – 15 anos, T. 104, p. 47
- Fig. 40: Desenho e pintura de mandala pronta de B.P. – 15 anos, p. 48
- Fig. 41: Marcel Duchamp, “Fonte. Fontaine” 1917/1964, p. 49
- Fig. 42: Marcel Duchamp, “Roda de Bicicleta. Roue de Bicyclette” 1913/1964, p. 49
- Fig. 43: Mandala de metal e pedras, p. 50
- Fig. 44: Desenho de uma mandala criativa de B.P. – 15 anos, p. 52
- Fig. 45: Desenho de uma mandala criativa de M. de J.D. – 15 anos, p. 52
- Fig. 46: Readymade de A.P. – 14 anos, T. 103, p. 53
- Fig. 47: Readymade de T.B. – 16 anos, T. 103, p. 53
- Fig. 48: Readymade de M.C. – 17 anos, T. 104, p. 54
- Fig. 49: Desenho de uma mandala criativa de M.P.C. – 15 anos, p. 55
- Fig. 50: Readymade de R.A. – 15 anos, p. 56
- Fig. 51: Readymade de K.S. – 14 anos, p. 56
- Fig. 52: Alunos executando o projeto escolhido do grafite. Turma 103 p. 57
- Fig. 53: Alunos executando o projeto escolhido do grafite. Turma 103 (2), p. 57
- Fig. 54: Finalização do desenho “grafitizado” dos alunos. Turma 103, p. 58

APRESENTAÇÃO

Ao iniciar o ano, encontro-me com dois desafios: o normal de todo o ano e a necessidade de, formular um trabalho de conclusão no curso Especialização em Pedagogia da Arte, o qual terá como suporte a prática como professora de Artes Visuais, com estudantes do Ensino Médio, do Colégio Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior, do bairro Inter-cap, em Porto Alegre, onde leciono a disciplina desde 2006. Das quatro turmas que caberiam a mim, duas eram de alunos repetentes. Tendo o conhecimento da produção e de habilidades anteriormente trabalhadas, propus que realizassem um trabalho artístico livre. Qual foi minha surpresa quando a maioria dos alunos fez o desenho “básico” das montanhas, nuvens e coqueiros.



Fig. 1: Desenho de T. A. – 16 anos



Fig. 3: Desenho de M. S. – 17 anos



Fig. 2: Desenho de B. P. - 15 anos

Assim surgiram vários questionamentos a serem investigados e analisados.

Venho observando esta prática do desenho já há algum tempo, minhas aulas de Artes são voltadas a essa linguagem, principalmente por eu ser professora de escola pública e

trabalhar com alunos de poucos recursos financeiros. O desenho acabou se tornando uma prática contínua, uma habilidade aprimorada, mas que pode ser inventiva. Um exercício de composição em constante desenvolvimento.

O que acontece com esses alunos que tiveram a possibilidade de exercitar, durante o ano anterior, o desenho com seus aspectos formais razoavelmente desenvolvidos, que poderiam ser demonstrados na proposta livre e não o fizeram? Por quê? Partindo desse questionamento é que desenvolvi o trabalho aqui apresentado.

Com a poesia de Paulo Leminski, pretendo desvelar os “caprichos e relaxos”¹ dos caminhos para “alcançar” um desenho criativo, por acreditar que ela, assim como o desenho, fala da vida, das idas e vindas, dos acertos e erros, do amor e desamor, de encontros e desencontros, do arriscar e desistir, das chegadas e partidas, das investidas e recuos, do fazer de qualquer jeito, do fazer com esmero.

*objeto
do meu mais desesperado desejo
não seja aquilo
por quem ardo e não vejo

seja a estrela que me beija
oriente que me reja
azul amor beleza

faça qualquer coisa
mas pelo amor de deus
ou de nós dois
seja.²*

Penso ser imprescindível aprimorar ainda mais o ver e observar quando se trata do desenho. A importância deste olhar mais aprimorado pode fazer a diferença e o entendimento do processo no momento em que os alunos partem para a desconstrução destes desenhos, a princípio esquematizados e estereotipados, mas que aos poucos indicam novos caminhos, mais inventivos.

Também referente ao desenho, em relação à importância da leitura de imagens de obras, que desestabilizam os esquemas prévios, diz Edith Derdyk³ que esse “constrói-se à custa de destruições”. Seguindo essa premissa, serão feitas leituras e releituras analisando algumas imagens e obras para a construção do desenho livre em sala de aula.

¹ LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas. Seleção Fred Góes, Álvaro Martins*. São Paulo: Global, 1996.

² *Ibidem*, 1996, p. 34

³ DERDYK, Edith. *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

1. DESENHO: BREVES CONSIDERAÇÕES

A palavra *desenho* em português significa a arte de representar seres, objetos, idéias, sensações, por meio de linhas. Está relacionado a qualquer arte executada por meios gráficos. No entanto, essa mesma palavra pode indicar a representação de objetos executados para fins científicos, técnicos, industriais e ornamentais. Podendo também ser a arte aplicada à concepção e ao desenvolvimento de projetos.

O desenho, no entanto, ultrapassa o âmbito do discurso artístico; está relacionado a um espaço de experimentação, o instrumento de uma elaboração de uma idéia, o ordenador de uma estrutura. Está nos procedimentos que são capazes de produzir traços. “O desenho é uma linguagem, com características próprias, com forte marca de decisões individuais e das culturas coletivas em sua fatura”, diz Iavelberg.⁴

É muito complicado disputar lugar com o mundo virtual dos adolescentes, que é colorido e tridimensional, onde com um simples comando do mouse faz um desenho aparecer instantaneamente. Na escola o desenho surge de outra forma, com outro esforço, diferente.

A partir desse mundo virtual, belo, criativo e pronto, se deparam ao mundo cinza das salas de aula. E na sua falta de cor e dinamismo, os alunos precisam adquirir ferramentas para entender e transformar o mundo real.

Para mim, o desenho caminha por entre qualquer linguagem, seja na forma, no objeto ou material. Ele está inserido na vida de cada um, quer se perceba ou não. Tanto nele como um fim em si, como no cinema, na fotografia, na televisão, vídeo, eletrônica, que vão muito mais além do que um simples entretenimento. E também se insere em qualquer situação da vida cotidiana e atravessa todas as linguagens culturais que se conhece ou se está por conhecer.

⁴ IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

*PLENA PAUSA
Lugar onde se faz
o que já foi feito,
branco da página,
soma de todos os textos,
foi-se o tempo
quando, escrevendo,
era preciso
uma folha isenta.*

*Nenhuma página
jamais foi limpa.
Mesmo a mais Saara,
ártica, significa.
Nunca houve isso,
uma página em branco.
No fundo, todas gritam,
pálidas de tanto.⁵*

O desenho pode ser tudo. Rabisco, combinação de linhas, pontos, marcas, fotografia, retratos, registros, letra, realidade, transformação, transmutação, mudança, projeto, pode acontecer no tempo, no espaço e em ambos ao mesmo tempo. Antes mesmo de borrar uma superfície, já nasce no pensamento, na idéia, numa imagem criada a partir da imaginação. Vai de um simples rabisco de lápis numa folha de papel qualquer, os arranhões na lataria do meu carro, até a matéria mais resistente e aparente, construindo um edifício, uma escultura, uma pintura, uma colagem, uma partitura, uma embalagem, uma poesia. Do mais singelo tema, do mais simples objeto desenhado, pode tornar-se o mais subjetivo e sofisticado traço.

Por que ensinar o desenho? É possível ensinar a desenhar? Para quê desenhar? Para quem desenhar? Para quem aprende, sair do senso comum da realidade aparente. É importante aprender, arriscar, atirar-se, envolver-se, deleitar-se, olhar-se, enxergar, ter visões diversas do mesmo mundo. O desenho é uma ferramenta para conhecer e estranhar esse mundo, desbravá-lo e, se possível, entendê-lo.

O desenho deixou de ser uma arte menor nas Artes Plásticas, não é mais apenas um esboço, croqui, rascunho. Atualmente, ele faz parte da obra, pode ter um valor em si mesmo. O desenho conquistou espaços, ganhou autonomia. Em exposições de artistas consagrados pela crítica, o desenho ou o esboço aparece ao lado do produto final, com a mesma ou maior importância. É onde aparece o processo pelo qual o artista andou, onde seus pensamentos e atitudes inusitadas aconteceram.

⁵ LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas. Seleção Fred Góes, Álvaro Martins*. São Paulo: Global, 1996, p. 111.

“O que é o desenho hoje? É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa - linha, traço, rabisco, pincelada, borrão, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos lingüísticos e matemáticos, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, frotagens, formas carimbadas. Conquistada a duras penas sua autonomia, caminha agora, pelos inespecífico, absorvendo qualidades e características pictóricas, escultóricas, ambientais, performáticas. É madeira, pedra, ferro, plástico, xérox, fotografia, vídeo, projeto, design. É sulco, incisão, impressão, emulsão, cor e massa. É qualquer coisa feita com não-importa que materiais, técnicas, instrumentos ou suportes. O desenhista, hoje, trocou o pequeno pelo grande, as ninudências pelo gesto largo e amplo, busca as margens, trabalha o vazio, ativa o branco, grita o silêncio. Pede ao espectador não mais a lupa, mas distâncias: toctilidades visuais. Vai direto ao muro, cria anamorfozes, abandonando qualquer noção do limite. O desenho é tudo”. (MORAIS, 2006).⁶

Como conquistar essa importância toda do desenho e alargar o universo da vida desses adolescentes? A partir do conhecimento apreendido, como quebrar paradigmas e entrar no complexo mundo do desenho.

A partir de desenhos de observação o aluno é impelido a ver o mundo que o cerca com mais atenção. Cada um olha de um jeito esse mundo, do seu jeito colocando tenência ou se perde dele. A experiência do desenho de observação é única. O olhar de quem observa é muito particular, no sentido de que, mesmo sendo o objeto igual para todos observado, o mundo que é representado se torna outra coisa, diferente para cada um que representa. A experiência é mágica quando todos observam seus desenhos finalizados. Nenhum é igual ao outro, cada qual carregado de atitude e cultura diversa.

No decorrer de algumas propostas para realização do desenho vão acontecendo outras necessidades e o projeto acaba se alargando, ampliando e diversificando cada vez mais as possibilidades gráficas, pois não são mais as da professora, mas dos alunos que ampliam seu repertório de traços também. Experimentando e tentando buscar o interesse, propostas em sala de aula são capazes de tirá-los do padrão estético vigente, do cinza do cotidiano, trazendo outra visão do mundo. São os “caprichos e relaxos”, que vêm junto ao desânimo do cotidiano, do desinteresse desse sistema que vem oprimindo, impingindo padrões. O que foge dos padrões é feio para o senso comum.

Segundo Frange, “Se o conhecimento (artístico) está associado a poder, arte está na esfera do não-conhecimento. O ato de criação só acontece pela transformação das leis, dos

⁶ MORAIS apud RAMOS E RAMOS, Adriana Sottomaio. *Desenho brasileiro: quatorze artistas contemporâneos*. São Paulo: UEP, 2006, p. 03, 138f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2006.

estabelecidos. Entendo arte como conhecimento-invenção, que se torna “outro” a cada momento”.⁷

O desenho, do ponto de vista dos estudos sobre os processos de criação, não se restringe às artes visuais. São representações gráficas que se mostram como um meio possível de armazenar reflexões, dúvidas, problemas ou possíveis soluções.

No caso das Artes Visuais, os desenhos aparecem em cadernos e anotações de artistas, na maioria dos casos, como concretização do desenvolvimento de um pensamento marcadamente visual. O desenho de criação, nesses casos, age como campo de investigação, ou seja, são registros da experimentação: hipóteses visuais são levantadas e vão sendo testadas, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Possibilidades de obras são testadas em esboços que são parte de um pensamento visual.

1.1 A IMPORTÂNCIA DE VER E OBSERVAR:

A proposta inicial desse projeto de pesquisa seria o desenho de observação, pois, como já citei, os meus alunos tiveram várias experimentações com o desenho no ano anterior. Entretanto, na maioria das vezes, essas experimentações foram referentes de imagens, desenhos, obras bidimensionais, já haviam sido experienciadas através de modelos reais por muitos alunos. Penso ser importante para que eles também tenham estas vivências inventivas para o próprio processo de criação, a fim de também encontrar o seu traçado expressivo, espontâneo e singular, além de aguçar o olhar e aprender a ver com maior atenção.

Junto com a literatura da área de Educação e Artes, em especial nas pesquisas de Ana Mae Barbosa, prova-se que pode-se educar o modo de “ver e observar” de cada um. É importante para modificar o cinza da vida cotidiana e, se possível, transformá-la.

Se a pessoa consegue realmente “ver” na sua essência, aprende a conhecer, perceber, alcançar, tudo o que quiser enxergar. Um deles se refere ao ser que está vendo, com suas vivências, suas experiências. O outro é o que o ambiente e o contexto vivido proporciona. Mas, ver não é só isso. Ver é também um exercício de construção perceptiva onde os

⁷ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta?* São Paulo: ANNABLUME, 1995.

elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados junto a proposições pedagógicas.

Observar é diferente de ver? Observar é olhar, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si e consigo mesmo.

Chauí⁸ afirma sobre o olhar dos artistas: “os pintores costumam dizer que, ao olhar, sentem-se visto pelas coisas e que ver é experiência mágica”. Para ela, “a magia está em que o olhar abriga, espontaneamente e sem dificuldade, a crença em sua atividade – a visão depende de nós, nascendo em nossos olhos – e em sua passividade – a visão depende das coisas e nasce lá fora, no grande teatro do mundo”.

É por tudo isso que se deve dar a maior atenção a essa educação de um *saber ver* que, para as pessoas comuns, mais distraídas com o mundo ao redor, difere significativamente do *saber ver e observar* das pessoas que dominam referenciais artísticos. Para esses, o compromisso de selecionar elementos de linguagens visuais significa determinar melhores condições para comunicar-se através deles. Como diz Pareyson⁹, “os olhares [do artista] são reveladores, sobretudo porque é construtivo, como o olho do pintor, cujo ver já é um pintar e para quem contemplar se prolonga no fazer”. Isso não significa que eu tenha a pretensão de comparar os meus alunos a artistas ou pintores, mas quanto ao *ver* e *observar* penso que eles possam, cada vez mais, ter um olhar mais prolongado, no sentido de estar mais atento e também de educar a paciência para reproduzir o desenho, pois em se tratando de adolescentes, a paciência também é um exercício.

1.2 EXPERIMENTAÇÕES E VIVÊNCIAS COM IMAGENS NA ESCOLA: leitura e releitura

Antes de sistematizar esse trabalho pensei propor a observação de obras de artistas como Piet Mondrian e de Pablo Picasso. Estes representam o movimento abstracionista e cubista na arte moderna da Europa, em meados do séc. XX. Piet Mondrian, holandês, abstracionista, com seu estilo reducionista, rejeitava motivos que se pudesse identificar,

⁸ CHAUI apud FUSARI, Maria F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 2001, p.79.

⁹ PAREYSON, apud FUSARI, Maria F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 2001, p.103.

ignorou a textura em suas obras, reduziu a pintura em linhas retas, usava apenas preto, branco e cinza e as cores primárias. Pablo Picasso, espanhol, ligado ao cubismo, movimento que influenciou o abstracionismo pelas formas colocadas em um plano somente.

Segundo Analice Dutra Pillar¹⁰, a leitura de uma imagem seria a leitura de um texto, de uma trama, de algo tecido com formas, cores, texturas, volumes. Ao ler, estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas e informações do leitor, seu conhecimento a cerca do objeto, suas interferências, sua imaginação. Assim, a leitura depende do que está em frente e atrás de nossos olhos.

Para aquilo ou aquele que é observado, o conhecimento está em aderência, sempre inserido, na imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenações do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados. E esta leitura, esta percepção, compreensão e atribuição de significados vai ser feita por um sujeito, no caso o aluno, que tem uma história de vida.

“Assim, o que é descrito não é a situação, o fato, mas a interpretação que o leitor lhe conferiu, num determinado momento e lugar. O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações”, diz Analice Dutra Pillar.¹¹

No ensino da arte, a leitura tem sido concebida como algo mais teórico, empregada para denominar o que se faz ao refletir sobre o que se está olhando. A releitura é um fazer a partir de uma obra. Releitura é ler novamente, é interpretar, porque não dizer produzir novos significados ao que já foi criado, recriar, ressignificar, ir além do que já está concebido.

A educação da leitura de obras se faz desde a educação infantil, oportunizando possibilidades que vão além de observar as cores, as formas e o ritmo, mas para que tenham possibilidades de compreender os termos gramaticais das obras e também de percebê-las criticamente.

“O professor não ensina como ler, pois não há uma leitura como a mais correta, há atribuições de sentidos construídas pelo leitor em função das informações e dos seus interesses no momento”.¹²

Mais do que a leitura, o que interessa é a desconstrução, que o desenho da obra observada.

¹⁰ PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

¹¹ PILLAR, apud BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. – 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 74.

¹² *Ibidem*, 2008, p. 81.

1.3 “O DESENHO É MEU MESMO” – PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Para o aluno, é valioso perceber que seus desenhos de observação, seus esboços, são partes do processo do desenvolvimento do desenho, e que por vezes esses esboços são extensões da própria obra de arte. O ato de rasurar ou de fazer adequações, portanto, é resultado de reflexão e gera momentos de opção. No acompanhamento de uma obra, é também possível observar um interessante trabalho de relação entre fragmentos e todo. O processo de criação mostra o trabalho do “artista” com partes, mas essa intervenção, aparentemente parcial, atua sobre o todo. Por sua vez, cada passo é sempre revisto na sua relação com a totalidade da “obra”.

“O esboço é plasticamente atraente porque indica a proximidade do momento de criação. Esses traços precários são pensamentos em criação”, segundo Edith Derdyk.¹³

Cada aluno, no andamento do projeto, irá relatar de modo singular e único, suas experiências com o desenho. E em cada texto as reflexões e os conceitos sobre o desenho são apresentados de maneira como são vividos e formalizados de acordo com as necessidades e os desejos que cada um deles apresentar.

Derdyk¹⁴ fala, também, sobre a criação e a produção em sutil cumplicidade com a mão que imagina, o olho que deseja, a mente que projeta, o corpo que atua, designando mundos de sentidos em novas e outras linhas de atuação. Linhas que escapam às decodificações de uma linguagem e criam desvios em relação ao planejado por um professor. Observar não garante nada ao olho caprichoso e relaxado daqueles que estão, por força de todo um sistema, dentro da sala de aula.

¹³ DERDYK, Edith. *Designo. Desenho. Desígnio*. São Paulo: SENAC. 2007.

¹⁴ *Ibidem*, 2007.

2. CONSTATAÇÕES SOBRE DESENHOS ESCOLARES

NO MEIO DO CAMINHO
Diante da pedra, muitas são as possibilidades
para aquele que se detém diante da pedra.¹⁵

Poucas perguntas são capazes de provocar um debate tão caloroso e resultar em tão poucas respostas satisfatórias, como o conceito e a utilidade da arte. Essa representa a compreensão mais profunda e as mais altas aspirações de seu criador, dando a possibilidade de comunicar a concepção que se tem das coisas através de procedimentos que não podem ser expressos de outra forma. Uma grande obra poderá contribuir para a visão de mundo e deixar quem a observa emocionado.

Desde muito pequena a arte me fascina. Começou pelo desenho, sempre fui muito observadora e me detinha a visualizar desenhos que uma prima fazia com muita habilidade e desprendimento, de uma beleza inigualável. Mas não era só um desenho que ela reproduzia de personagens de histórias em quadrinhos como Zé Carioca, Pato Donald, Margarida, era também o “jeito” com que desenhava. Parecia que abraçava aquela folha branca, transmitia e eu podia sentir o elo que se formava entre a folha, o lápis e seu corpo em ação. Era mais do que uma simples ação, um grafite marcando uma folha branca. Não era reflexivo o desenho, nem era filosófico, muito menos conceitual. Mas de uma singularidade, de uma beleza, de uma sensibilidade incomensurável.

Mas qual é o significado da arte? O que ela tenta dizer? Eis aqui uma das pedras no meio do caminho, segundo Fausto dos Santos.¹⁶ Os artistas em geral não oferecem uma explicação clara, uma vez que a obra é a própria afirmação, o que nem sempre acontece. Segundo H.W. Janson e Anthony F. Janson¹⁷, se fossem capazes de dá-la em forma de palavras, então seriam escritores.

Tal acepção leva a refletir mais sobre como poderia ser a postura de espectadores da arte, como deve-se comportar diante das obras que são apresentadas e talvez dar um retorno do que foi apresentado, ou seja, do que se é instigado a refletir, a fazer associações do próprio

¹⁵ SANTOS, Fausto dos. *A estética máxima*. Chapecó: Argos, p. 79, 2003.

¹⁶ Ibidem, 2003, p. 78-79.

¹⁷ JANSON, H. W. *Iniciação à história da arte*. – Tradução Jefferson Luiz Camargol -2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 399.

cotidiano, enfim, em que a arte hoje pode contribuir para de alguma forma causar uma mudança interna pessoal ou coletiva.

Venho de longa data acompanhando Bienais, seja em Porto Alegre, em São Paulo, exposições de diversas épocas e tendências artísticas, participo de seminários, cursos de monitoria das Bienais de Porto Alegre, procuro sempre me atualizar como arte-educadora. Antes de morar em Porto Alegre, morava no interior e há oito anos trabalho com alunos do Ensino Médio da rede Pública Estadual, na disciplina de Educação Artística. Desde então, levo os alunos para as exposições de arte nas Bienais do Mercosul. Depois, na escola, fazia-se trabalhos relativos às exposições, com as informações e contemplações apreendidas. Nestes cinco anos, visitei três Bienais, com diferentes alunos, sempre do Ensino Médio. Ficava observando as reações, os questionamentos, os “gostei”, “não gostei” e, ao retornar, os alunos tinham a proposta de realizar uma Bienal na escola. Aconteciam trabalhos interessantíssimos, com materiais diversos, suportes, construções que aticem o pensamento, enriquecedoras. Mas, mesmo assim, pensava que os alunos do interior, que pouco viam em termos de obras de arte, possuíam informações e imagens por demais restritas, por uma série de questões que não quero me deter neste momento. Comecei a pensar na possibilidade de morar mais próxima do lugar aonde a arte acontece. Acreditava que os alunos de Porto Alegre deveriam ter muito mais contato com a arte, pois há museus, galerias e Bienais, podendo, assim, dar um retorno, ainda maior no entendimento e nas produções artísticas. Qual foi minha surpresa! Estou há três anos trabalhando no Colégio Caldas Júnior, próximo à Pontifícia Universidade Católica (PUC), com alunos de classe média e baixa, sendo que muitos nunca visitaram nenhuma das Bienais e outros tantos não conhecem o Santander Cultural e nem o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Eu pergunto como a arte pode ser significativa, modificar idéias, pensamentos e comportamentos se alunos com fácil acesso a ela não se disponibilizam a essa prática? O que é preciso para que esta prática faça parte da vida das pessoas, do público em geral que por si só, por curiosidade, por não ser passivo e sim atuante no mundo, se mobilize e saia da confortável situação de acomodação. Sem querer que tenham a pretensão de serem grandes entendedores ou futuros artistas, mas que se sintam participantes e reflexivos.

Talvez a educação pela Arte não transmita dados completos, mas deixe abertos caminhos os quais possam ser explorados na busca de novos conhecimentos, agindo por si mesmo, afirmando e estabelecendo relações mais significativas com o meio.

Segundo Ostrower¹⁸, quando o indivíduo se educa artisticamente, perpassa o seu tempo. Ele conhece o ontem, situa-se no hoje e projeta o amanhã. Inventando, modificando, integrando as possibilidades do seu meio.

Os conteúdos mais importantes para a arte-educação são os ligados à condição humana e a própria superação dela, ao crescimento do aluno, bem como a tudo que possa auxiliá-lo a se conhecer, se questionar, a se assumir e assumir o mundo que está aí diante dos olhos para ser desbravado sempre, através de imagens, sonoridades e por situações diversas. Estando atentos, pode-se perceber manifestações artísticas diariamente. Uma cena ali, um desenho, um cartaz, uma propaganda, um apelo visual, auditivo, tactual, enfim, fazer essas leituras e interpretações é o que as pessoas são compelidas a realizar. Esse é um esforço de todos educadores, artistas, alunos, pais e seres interessados em pensar o mundo. O que não se pode fazer é desviar da pedra, pois no desvio não há possibilidades. O desvio é a possibilidade única de aceitar as coisas como elas são. No entanto, diante da mão que deseja e da pedra que resiste já é preciso um outro que possibilite a consecução da vontade e que também imporá a essa seus limites. Para enformar a pedra é preciso um formão – conforme a resistência da pedra um cinzel – mesmo que esse seja, em princípio, apenas uma outra pedra, de acordo com Fausto dos Santos¹⁹. E assim serão abertas outras possibilidades para pensar a vida, o mundo e os comportamentos que, por mais que causem estranhamento, são colocados à frente de cada um para fazer as próprias leituras e atuar sobre as mesmas. Assim como uma andorinha só não faz verão, quebrar a cabeça ou as mãos é o máximo que a vontade, sozinha diante da pedra, pode fazer. Mas se várias andorinhas se unirem e se juntarem às pedras, muitas ações diversas poderão acontecer e nessas ações não terá lugar o desvio, embora sejam os desvios que tornem os caminhos mais complexos e instigantes.

¹⁸ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. – 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁹ SANTOS, Fausto dos. *A estética máxima*. Chapecó: Argos, 2003.

3. DA ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1 O CONTEXTO DA PRÁTICA

O trabalho aqui apresentado ocorreu em duas turmas (103 e 104) das quatro regulares que tenho no Ensino Médio, no turno da manhã, com dois períodos consecutivos por semana, no Colégio Estadual Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior, localizado no bairro Intercap em Porto Alegre. A escola possui uma clientela com um nível sócio-econômico relativamente médio e baixo. Os estudantes do bairro são poucos, na maioria são provenientes de vilas e morros das redondezas, como Lomba do Pinheiro, Morro da Cruz, Vila Ceres e Vila Bom Jesus.

Estas turmas foram escolhidas propositalmente, por terem sido meus alunos no ano anterior e por terem praticado razoavelmente o desenho, atestando para suas diversas implicações com os elementos visuais: linha, textura, volume, cor, luz, proporções, espaço, profundidade. Também foram feitas leituras e releituras de imagens de obras de diversos artistas. Isso pressuporia que esses alunos teriam uma bagagem maior de conhecimento e habilidade no desenho, o que será fundamental para o andamento da pesquisa que eu pretendia desenvolver.

Como já foi abordado, as duas turmas são de estudantes que estão repetindo a série. A turma 103, de 37 alunos matriculados, 17 são repetentes. A turma 104, de 38 alunos matriculados, 19 são repetentes. Se fossem unidos numa turma, seriam 36 alunos. Alguns desses alunos, no ano anterior, além das produções em sala de aula com os materiais básicos para o desenho como lápis 6b, lápis de cor e folhas de desenho, também puderam se familiarizar com algumas imagens de obras de artistas em livros emprestados por mim, porque o acervo da biblioteca é muito carente. Além disso, ainda visitaram a VI Bienal do Mercosul, o que acredito tenha enriquecido o seu universo.

3.2 POSSIBILIDADES, AÇÕES E RELATOS DESENVOLVIDOS

O projeto iniciou com o desenho formal propriamente dito, para que os alunos percebessem a necessidade de afinar o olhar e observar detalhadamente cada elemento visual que foi apresentado, foram feitos desenhos de observação de objetos, de elementos orgânicos, do espaço físico, do prédio escolar, retratos, auto-retratos, esses sempre com registros das produções dos desenhos, da possibilidade de reflexões que conseqüentemente surgiram ou não, das falas relacionadas a sua própria expressão e a seus processos de criação. Após estes relatos foram propostas reflexões sobre todos os desenhos formais de observação para ouvir o que os alunos tinham a dizer, no sentido também de ouvi-los e para seguir com a idéia de propor uma reestruturação destas formas ou desconstrução delas.

Para tanto, foram utilizadas algumas imagens de obras de artistas modernistas como Piet Mondrian e Pablo Picasso, artistas usados para algumas leituras e releituras. Isto tendo em vista a importância também da educação do olhar, já mencionada nesse projeto anteriormente. Parece-me relevante que as escolhas de artistas sejam minhas e dos alunos. A percepção de que os desenhos formais desses artistas passaram pelo processo do real para o abstrato era fundamental para que pudessem desconstruir seus esquemas prévios. Observar e ouvir as conversas, exposição de idéias, gostos ou desgostos sobre as mesmas também se fazia imprescindível.

Junto às propostas dos exercícios de experimentação do desenho, além dos textos e das reflexões, ainda tínhamos momentos de pesquisa no laboratório de informática sobre a produção artística e reflexões sobre o desenho de Edith Derdyk, saindo totalmente do desenho formal para outras construções da linha, muito diferente do que eles experienciaram até aquele momento.

No decorrer do trabalho, como já foi dito, foram elaborados textos e falas a partir do desenvolvimento de sua própria produção, analisada por todos envolvidos, ou seja, alunos e professora. As dificuldades, os caprichos e relaxos, se houve ou não uma descoberta de um processo de criação e de livre expressão diferente do que tinham inicialmente, é o que moveu a construção do presente trabalho e o caminho, aqui colocado em texto.

3.3 REGISTROS

Para cada produção realizadas pelos alunos procurei ouvir as falas e fazer registros quase diariamente. Ao findar a primeira parte do projeto, que consistia nos desenhos formais de observação, os alunos retomaram todos os desenhos, observaram o desenvolvimento das próprias produções e fizeram seus registros seguindo certo roteiro que foi entregue por mim.

Nesta coleta surgiram novas reflexões, possibilidades e sugestões para seguir com o desenho, mas a idéia foi propor leituras e releituras de imagens de obras de Piet Mondrian e Pablo Picasso. Concluída esta série de produções, novos registros e sugestões aconteceram.

Por último, pretendi realizar a análise das produções da artista Edith Derdyk, no laboratório de informática. A idéia registrada do que pensam sobre as produções da artista, a relação que tem com o trabalho deles, enfim, houve uma conversa informal e a partir de registros mais aprofundados discutiram a ação que seria realizada. Mas, como todo projeto é um traçado prévio, os registros aqui apresentados se desviam do estritamente planejado para responder as questões que pretendia investigar.

Algumas produções, textos e ações realizadas durante o projeto foram registrados com textos e fotos anexados no diário de bordo que deu corpo a esse trabalho. É nesse exercício de textualizar a prática que o caminho, com seus caprichos, desvios e relaxos, se mostra.²⁰

²⁰ Nota: Os textos e fotos estão registrados no capítulo 4. O MEU CAMINHAR ENTRE CAPRICHOS E RELAXOS, que vem a seguir.

4. O MEU CAMINHAR ENTRE CAPRICHOS E RELAXOS

Aula: 05/08 Turma 103.

Estou me sentindo um pouco sem rumo, sem alternativas de propostas de desenho. Os alunos da turma 103, terminaram uma série de trabalhos de observação de objetos, elementos orgânicos, formas geométricas, retrato de colega, auto-retrato, junto aos quais chamei a atenção sobre detalhes, sombras, luz. Alunos se mostram receptivos e produtivos. Acho importantes estes exercícios de paciência, de minúcias, de tolerância para com o papel branco. É uma folha branca que aos poucos vai se tornando, se fazendo, se criando como um ser, uma forma, uma vida representada. Importante e fundamental para qualquer experiência visual, para olhar, refletir, compreender, apreciar. Mas eles entendem ou apenas cumprem um dever, apreciam, degustam, devaneiam?? Não sei, alguns se perdem no movimento do vai-e-vem do lápis, outros com a mão pesada riscam, outros deslizam o grafite como se estivessem muito longe dali, mas se apropriando da forma. Por alguns segundos o silêncio!!!! Ai, não tem sensação melhor no mundo para uma educadora!!! Cada qual nos seus pensamentos, nos seus desejos,



tanto de concluir a tarefa como de “encontrar-se” na per- **Fig. 4: Desenho de W. C. – 15 anos** feição de alguns traços. Eu aqui, na minha mais discreta presença, sinto que, ao mesmo tempo em que cada qual está imerso em seus pensamentos e ações eu também, de alguma forma, estou fazendo parte disso tudo. Gostaria que sentissem a importância desses gestos e marcas que ficam. Os artistas modernos que já conhecem, audaciosos e incompreendidos também se exercitavam, desenhavam o mais preciso e exato traço da realidade. Mas eles só conhecem alguns “recortes” da história da vida dos artistas que trouxe para a sala de aula. Precisam saber que “A mulher que chora”, de Picasso, foi uma desconstrução de uma forma

real, bem antes, de tentativas de fazer e desfazer, imaginar, observar, deduzir, viajar... E agora???Pra onde eu vou?? Onde eles me levarão!!!????²¹



Fig. 5: Desenho de D. R. – 15 anos – T. 103 **Fig. 6: Desenho de D. R. – 15 anos – T. 103**

– 16 anos – T.



103

Fig. 7: Desenho de G. M.

²¹ Estes pontos de interrogações e exclamações são repetidos pelo fato de eu querer dar maior ênfase nas frases, como se estivesse conversando com quem lê.



Fig. 8: Desenho de J. R. – 18 anos – T. 104

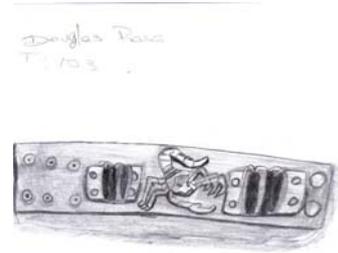


Fig. 9: Desenho de D. R. – 15 anos - T.103

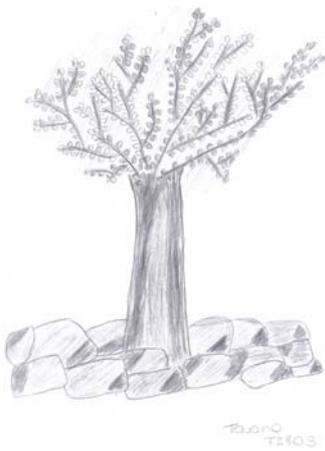


Fig. 10: Desenho de M.C. – 15 anos – T. 103



Fig. 11: Desenho de R.C.C. – 17 anos – T. 104

Desenhos de retratos e auto-retratos, de observação de objetos e de elementos da natureza das turmas 103 e 104 do Ensino Médio.

Os resultados desses desenhos me surpreenderam!! São desenhos que têm um traço forte, onde demonstram apesar do tema ser realista, uma atitude no desenhar, uma relação de afinidade do olhar de quem observa e de quem se representa. Essas ocorrências que pretendo como o cerne de análise dessa pesquisa.

Aula: 07/08 Turma 104.

Essa turma também fez desenhos de observação, os mesmos que a turma anterior. Estão finalizando o retrato do colega. Dizem que não querem fazer o auto-retrato. “É muito difícil, nós não sabemos desenhar” e aquelas velhas reclamações. Eles propuseram que eu desse outros dois trabalhos no lugar do auto-retrato. Então, propus que eles recortassem uma imagem de revista e colassem na folha em branco, esta imagem poderia ser colorida se assim desejassem muito. Eles continuam os desenhos e finalizam com a pintura do mesmo. Eles fazem com desleixo, de má vontade, rápidos para cumprir a tarefa que lhes foi incumbida. Não me parece acrescentar nada. Nenhum trabalho com esmero, calma ou afincos.

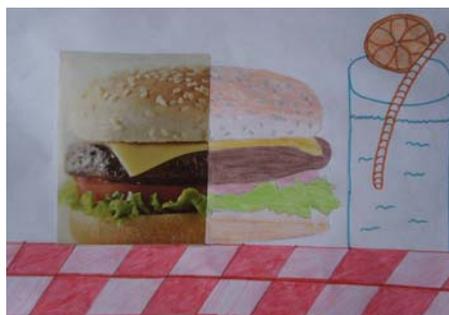


Fig. 12: Desenho de R. C. C. - 17 anos.

Aula: 12/08 Turma 103

Proposta de trabalho. A princípio estava programado para que os alunos fizessem leituras de imagens de obras de Picasso e Mondrian, mas fiquei na dúvida se poderia realmente perceber o que era “deles”, traços, linhas, expressão artística e o que seria cópia. Pode-se perceber o que é original, o que é pura expressão de quem faz? No texto de Lucimar Bello Frange, no cap. 2, ela relata muitos exemplos de artistas modernos que sofriam influências de vários colegas do seu tempo e também de séculos anteriores, colocando em questionamento a originalidade desses artistas. Será que eles criaram o “novo”? Por que se tornaram ícones na História da Arte? Talvez seja interessante levar para conversar com a turma artistas contemporâneos de Porto Alegre e “vivos”. Enquanto isso, proponho que façam um desenho sobre o passado, o presente e o futuro, ou seja, algum fato que lhes tenha marcado a vida no passado, que este fato ainda reflita em suas vidas no presente e qual alternativa que eles buscariam para que no futuro este fato realmente se resolvesse. Algo que eles fariam hoje, que fosse superar a dificuldade para obter um futuro melhor.



Fig. 13: Passado (Desenho de B. P. – 15 anos) Fig. 14: Presente (Desenho de B. P. – 15 anos)

Futuro???

Desenhos da aluna B. P. – 15 anos, Turma 104. Obs.: Não quis realizar o desenho do futuro. Escreveu atrás dos desenhos:

No momento passado – “Minha mãe há 18 anos engravidou só para meu pai não deixar dela. E hoje eles já não estão mais juntos...”.

No momento presente – “E ela, lá no fundo!!! Me culpa por achar que eu estraguei a vida dela.”. Fiquei muito impressionada com essas palavras e resolvi chamar a mãe para eu poder entender o que estava acontecendo. A mãe ficou surpresa. Entendeu as palavras da filha no desenho, mas disse que a B. P. teria entendido equivocadamente o fato que realmente acontecera na família. Ficou com muita pena da filha por estar sofrendo por algo que teria fantasiado na infância e ainda carrega este fato no sentimento. A mãe diz que talvez esse fato esteja contribuindo para que a menina não consiga avançar nos estudos e vai procurar ajuda para dar suporte nessa fase.

É incrível como nesses desenhos do “presente, passado e futuro” se revelam fatos muito particulares, muito íntimos, às vezes, mas é claro que nem todos os alunos confiam segredos pessoais. Mas já aconteceram fatos muito importantes, um deles é esse relatado anteriormente. São desenhos que de certa maneira podem auxiliar e encaminhar alunos para um atendimento psicológico ou a um olhar mais atento da família quanto a algumas atitudes e dificuldades de aprendizagem que nos são desconhecidas e inimagináveis.

Aula: 14/08 Turma 104

Quando chego para dar aula, antes de propor a atividade de trabalho, os alunos se antecipam falando que não agüentam mais desenhar, que estão cansados, que “tá muito chato” e que gostariam de fazer maquetes. A princípio fiquei contrariada, mas depois refletindo sobre estas atitudes, achei que não mudaria muito porque da mesma maneira eles teriam que fazer um projeto, escolher o tema, e isso tudo deveria ter um planejamento em forma de desenho, ou não?

Então combinei com os alunos que a partir da próxima aula seriam feitas as maquetes. Como não tinha nenhum material nesta aula, propus a mesma atividade da turma 103, “presente, passado e futuro” e assim organizou-se a turma para a confecção de maquetes na próxima aula. Então, como era de se esperar, eles realizam esses desenhos com muito pouco interesse. Penso em quantas vezes nestes anos de prática de arte-educadora eu pude presenciar e compartilhar junto com os alunos a criação e, com ela, não sei se saberei expressar com palavras exatamente, a sensação de perceber aquele ânimo, vontade, desejo, aquilo que arrepia, enfim, produzindo algo criativo com paixão instigados pelo novo, pela descoberta, pelo desconhecido mas nem por isso amedrontador, ao ponto de se acovardar e não querer seguir adiante, desenhar, ver no que vai dar, se conseguiu representar a forma que imaginou, se o desenho foi fiel a sua vontade. Enfim, foram poucos esses momentos, mas é realmente a satisfação, o presente, o pagamento, sei lá, mas a recompensa da tarefa de ser professora de artes.

Aula: 19/08 Turma 103

Nessa aula propus que fizessem um desenho de imaginação. Então apresentei a imagem do afresco de Diego Rivera chamado *O homem controlador do universo* (1934), que fazia referência a muitas faces da sociedade mexicana, com suas aspirações e conflitos, sua história e múltiplas culturas. Você já fez um desenho assim que é pura invenção??? A proposta era de que a máquina não precisaria necessariamente ter uma função: bastava apenas ter uma aparência de máquina. Poderiam pensar em uma engrenagem ou em uma seqüência de operações: corta, dobra, tritura, mistura, derrete, transforma etc. Olha, apareceram desenhos incríveis!!!!!!!!!!!!!! A máquina do suicídio, com vários personagens entrando na máquina que tem interligados vários itens que poderiam ser usados para o suicídio, por exemplo: forca, revólver, uma marreta, todos eles desenhados num mesmo painel eletrônico. Depois teve várias máquinas que fabricam lanches.



Fig. 15: Diego Rivera, “O homem, controlador do universo” (1934), afresco, Museu del Palácio de Bellas Artes, Cidade do México (INBA)

Essa imagem foi bastante explorada pelos alunos. É uma imagem riquíssima em detalhes, em linhas, em simbologias, cores e formas. Na verdade, o que realmente me

interessava ao mostrar essa imagem era o fato da criação, da imaginação e do que eles poderiam expressar em termos artísticos. “Quando o aluno observa obras de arte e é estimulado e não obrigado a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico a sua expressão individual se realiza da mesma maneira que se organiza quando o suporte estimulador é a paisagem que ele vê ou a cadeira de seu quarto.”, diz Ana Mae Barbosa.²²

Após essa análise minuciosa e de conversas informais sobre o desenho que deveriam representar livremente, mas com o tema de máquinas que não existem, ou seja, máquinas “imagizadas”, segundo Frange²³, são as próprias imagens visuais que o aluno organiza nas suas idéias ou lembranças visuais próprias, da própria criação.

A seguir uma amostragem das máquinas “imagizadas” de meus alunos.



Fig. 16: Detalhe da figura 17



Fig. 17: Máquina de Suicídio



Fig. 18: Detalhe da figura 17 (Desenho de M. N. G – 15 anos, Turma 103)

²² BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

²³ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta?* São Paulo: ANNABLUME, 1995.

Aula: 21/08 Turma 104

Falei com esta turma dessa sensação que me incomoda, da qual relatei no registro da aula anterior. Meus sentimentos com a falta de “tesão”, intenção, tensão. Aquele “algo a mais” que te move, que te faz andar, perceber, arder, vibrar numa inter-relação produtiva, produzida, arrebatadora, fugaz. É esta sensação que faz com que se realize, se concretize, se estabeleça a criação, isto é, “o novo”, que é o inédito, o atual, o contemporâneo, a expressão criativa, o processo. É no processo que acontece “o novo”. Pois muito bem, nesta turma todo o meu discurso não surtiu muito efeito. Então eles disseram que vão continuar com o projeto de maquetes.

Assim conversei sobre supostos temas e materiais necessários para dar continuidade às aulas. Mas é interessante refletir sobre essa nova abordagem da linguagem artística, ou seja, sair do bidimensional para o tridimensional, o que significa que partir-se-á para outros espaços, outras construções, outras maneiras de representações artísticas. Segundo Ana Mae Barbosa, “Atualmente, a elaboração e a flexibilidade são extremamente valorizados. Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano”.²⁴

²⁴ BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

Aula: 26/08 Turma 103

Aproveitando o interesse deles nessas invenções de máquinas malucas, entrei nessa aula com as obras de Salvador Dalí e René Magritte. São artistas surrealistas, da arte do século XX. Seus desenhos são incríveis e eles adoram. Muito inventivos e escandalosamente bem desenhados, realistas, mas ao mesmo tempo com significados diversos. Troquei idéias com os alunos sobre sonhos, quais os sonhos que estão ali representados? O que será que estes artistas quiseram representar? Contextualizo a época, sobre Freud, inconsciente, enfim sobre como se revela o nosso eu nos sonhos?

Alguém lembra de algum sonho que pareceu estranho? Peço a eles que os representem em desenhos. Lucimar fala: “E sonhos-acordados, sonhos-diurnos, temos espaços-tempos para eles? Em nossos sistemas educacionais, há espaços-tempos para sonharmos acordados?”.²⁵



Fig. 19: Salvador Dalí, “Criança Geopolítica Observando o Nascimento do Homem Novo”, 1943.

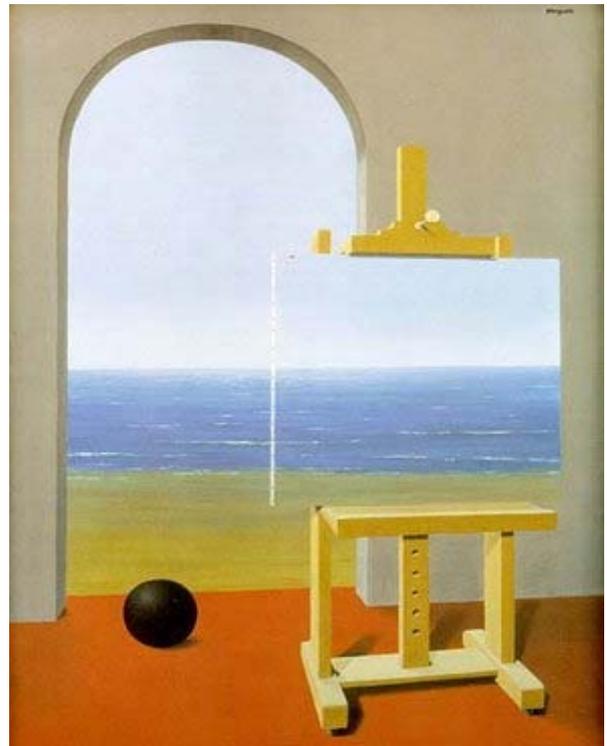


Fig. 20: René Margritte, “A Condição Humana” 1935

²⁵ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Porque se esconde a violeta?* São Paulo: ANNABLUME, 1995.

Aula: 28/08 Turma 104

Conversei muito sobre possíveis temas para representar em maquetes. Foram sugeridos os seguintes temas: ginásio de esportes ideal ou sonhado (a escola está realmente com projeto de construção de um ginásio futuramente), sobre os pontos turísticos de Porto Alegre, sobre ecologia, parques temáticos, pobreza e riqueza, vida e morte. Enfim, depois de muitas conversas também pensando na questão funcional e prática de “construtividade”, foi escolhido o tema da cidade de Porto Alegre. Foi feita uma relação de materiais que poderiam ser utilizados para essa construção para providenciarem para a próxima aula.

Aula: 02/09 Turma 103

Nessa aula, os alunos iniciaram os trabalhos surrealistas. Alguns misturaram figuras de Magritte e outras figuras de Salvador Dali, tudo numa mesma composição artística, outros ao invés de reproduzirem as figuras desses dois artistas, inventaram bichos e figuras totalmente estranhas em situações diversas, até cômicas.



Fig. 21: Desenho de C. C. – 15 anos, Turma 103.



Fig. 22: Desenho de sonhos imaginados de C.C. – 15 anos

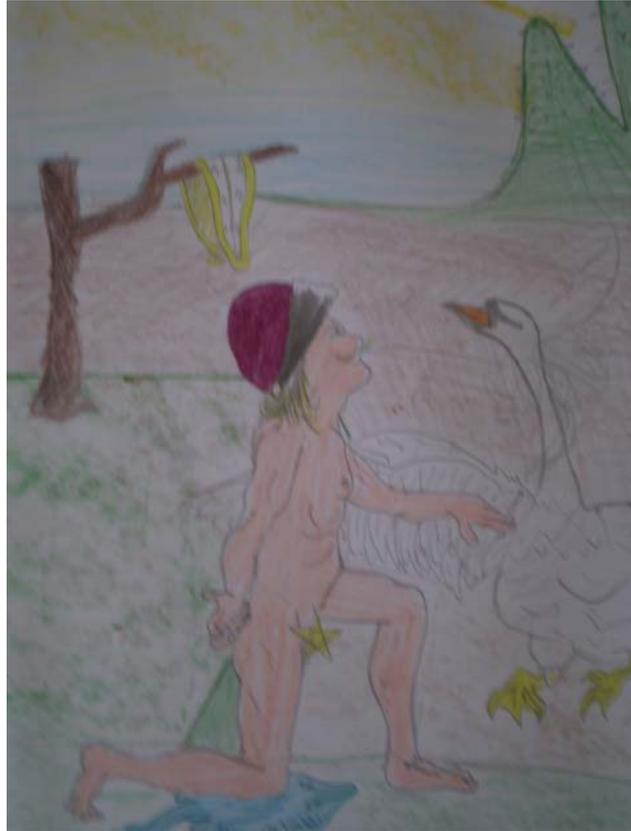


Fig. 23: Desenho de R. M. – 17 anos, Turma 103.

Aula: 04/09 Turma 104

Dentre os vários temas conversados na aula anterior sobre as maquetes, ficou resolvido que fariam sobre a cidade de Porto Alegre, seus pontos turísticos. Um grupo fará sobre o Parque da Redenção, outro fará sobre o Gasômetro, outro sobre a Avenida Ipiranga, o rio Dilúvio, Pontifícia Universidade Católica, etc. Conversei sobre o material que será utilizado e necessário. Ainda comentei que haverá a visita de uma arquiteta que trará uma maquete para auxiliar na criação dessas maquetes.

Foram realizados vários esboços²⁶ das maquetes em grupos de quatro alunos. Eles foram desenhando em folhas de papel de ofício em folha A3 e pensando em quais materiais usariam. Comentaram em diversos materiais, principalmente folha de isopor, palitos de churrasco, cola quente, tintas, argila, pó de serragem verde.

²⁶ Nota: Esses esboços não aparecem porque os alunos não quiseram que eu anexasse ao meu trabalho pois os acharam muito mal feitos, “horrorosos”!

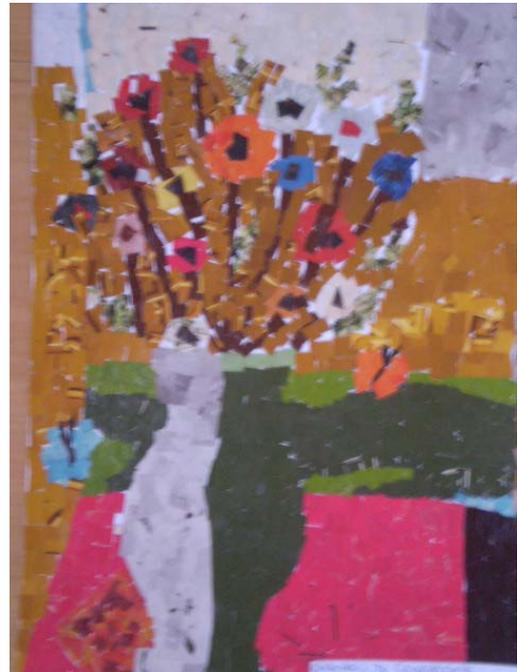
Aula: 09/09 Turma 103

Nessa aula, a proposta tem como objetivo, além do desenho representativo, o conhecimento de pinturas de artistas modernistas, para os alunos terem clareza quanto às formas que foram desconstruídas de formas realistas. Isto para entenderem que os artistas deformavam para se contrapor à ordem acadêmica, buscando sempre uma maneira de pintar diferente do que já conheciam, buscando outras questões, originalidade, criatividade, expressividade e a sua própria expressão. “Arte como desconstrução-construção oferece a nós não só um modo de argumento, mas um argumento que é auto-conhecimento e seu status, é conhecimento social, é mais do que as origens de si mesmo, é um leque de atos, escritos e imagens originais. Há uma inter fusão da filosofia com a imaginação; do crítico com o criativo”, como diz Bradbury.²⁷

Então os alunos deverão escolher uma das obras de arte dentre os vários artistas, que pelo projeto inicial seriam apenas Picasso e Mondrian, mas resolvi sugerir mais opções de modernistas e tentar garantir o interesse dos alunos por serem muito inquietos, para reproduzirem essa e após colarem papéis coloridos, tipo mosaico, tentando empregar a cor corretamente, conforme reprodução das obras originais.



**Fig. 24: Emiliano Di Cavalcanti
“Vaso de Flores”, 1929**



**Fig. 25: Desenho com colagem de T.S.
15-anos, Turma 103.**

²⁷ BRADBURY, apud FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta*. São Paulo, 1995.

Aula: 11/09 Turma 104

É interessante ressaltar a importância dessa mudança de linguagem artística e de material a ser desenvolvido nestes próximos dias ou aulas. Mudou-se do bidimensional para o tridimensional. Que se passou? Por que esses alunos não querem mais o desenho? Então aplico a técnica dos quadrados, ou seja, entrego aos alunos quadrados de todos os tamanhos e cores. Eles só precisam construir alguma coisa com essas formas, sem recortar e modificar a mesma. Sinto que foi aguçado o desafio, muito bem, o interesse foi despertado e agora precisam mostrar que desses quadrados bidimensionais, construirão quadrados com volumes, com características de formas cheias, tridimensionais. O resultado foi muito bom. Alguns construíram casas, outros edificações, árvores, parques, muito bacanas.²⁸

²⁸ Nota: Esta atividade é de característica efêmera e também descrevo-a como uma digressão diante das proposições realizadas, não tenho registro desta.

Aula: 16/09 Turma 103

Aqui os alunos continuam com as reproduções das obras de artistas modernos. Eles estão muito hábeis nas reproduções, principalmente quem foi meu aluno no ano passado. Como já citei anteriormente, essas duas turmas são o caminho que sistematizo para minha pesquisa e na sua maioria são alunos repetentes, posso então confirmar quanto aos alunos que têm maior “habilidade” são os que já praticaram mais o desenho, tanto nas reproduções, pois são mais sensíveis e afiaram melhor a observação para o desenho.



Fig. 26: Desenho de M. S.-17 anos, T. 103



Fig. 27: Desenho de R. C. C.-17 anos, T.104



Fig. 28: Desenho de T. S. – 15 anos, T. 103



Fig. 29: Desenho de D. S.-15 anos, T. 104.

Aula: 18/09 Turma 104

Aqui então se “aquecendo” para fazer o trabalho das maquetes, os alunos receberam papéis diversos quanto às texturas e às cores. A proposta é a mesma da aula passada, mas com a variação de que poderão recortar os papéis de tamanhos e de formas escolhidas por eles livremente. Neste dia, também, os alunos puderam observar uma maquete de uma pracinha feita por uma arquiteta.

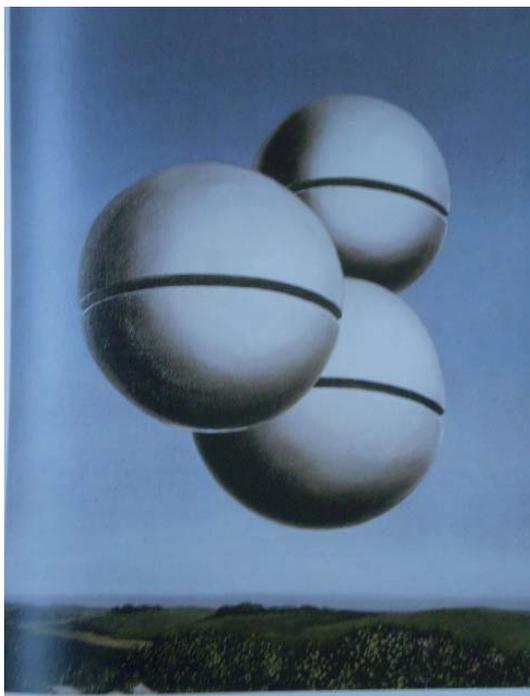
Obs.: Nesse mesmo dia, no contra turno, combinei com os alunos das duas turmas, de visitar uma exposição de arte de 100 artistas ligados à cultura urbana no Brasil e no mundo (intervenção urbana, pintura, desenho, fotografia, skate, arquitetura, vídeo, fanzine, música, palestras, oficinas), no Santander Cultural – Rua Sete de Setembro, 1028 – Praça da Alfândega – Porto Alegre/RS.

Aula: 23/09 Turma 103

Antes de continuar com as atividades da aula anterior, os alunos queriam comentar sobre a mostra TRANSFER, que foi visitada no dia 18/09. Eles adoraram!!!! Ficaram em êxtase com o tamanho dos desenhos que estavam “grafitados” nas paredes do Santander Cultural. Voltaram muito entusiasmados e pedem para realizar um grafite na escola. Conversou-se muito sobre tudo o que foi visto e disse a eles que discutiria a possibilidade da direção disponibilizar um espaço a ser “grafitado”.

Depois de muito entusiasmo eles continuam com as reproduções das obras com colagem de papéis coloridos em forma de mosaico. Eles já haviam usado a cor anteriormente, mas ainda não tinham observado o quanto são diversas as matizes e tonalidades das cores, além do que essas matizes são representadas através de colagem e não do desenho e pintura, mas de exercitar novamente a paciência e do afinar o olhar, ou seja, o exercício de detalhes, de cuidado, de fidelidade de representação e de sensibilidade.

Os trabalhos vão sendo concluídos e os alunos falam sobre esta experiência, de como foi “fácil” desenhar, mas que é muito “chato” a parte de procurar e colar as cores retiradas das revistas.



**Fig. 30 René Magritte
“A voz dos ventos”, 1928.**



**Fig. 31: Desenho/colagem de N. N. –
15 anos, T. 103**

Aula: 25/09 Turma 104

Entrei nessa turma depois da visita à exposição TRANSFER, no Santander Cultural e não sinto o mesmo entusiasmo da Turma 103. Eles comentam pouco, apesar de que não foram muitos alunos dessa turma que participaram da visita, mas mesmo assim os que lá estiveram não cogitaram a hipótese de realizar um grafite na escola. Eu até comento da outra turma, mas eles querem continuar com as maquetes. Então, continua a caminhada, seguindo com algumas imagens de Vik Muniz no laboratório de informática.

Aqui neste dia, os alunos iniciaram as maquetes que serão da temática que escolheram e do material que selecionaram. A maioria trouxe isopor como suporte, para cercados, palitos de picolés, para árvores trouxeram bombрил, erva-mate ou serragem colorida e material de pintura como lápis de cor, canetinhas, tintas e cola colorida. As dificuldades começam a aparecer, tentativa de construções tridimensionais. Lembro então do artista Vik Muniz, com a obra *Narcissus, After Caravaggio*. Nesta obra, mostro aos alunos de como foi feita a representação de Muniz a partir de uma obra de Caravaggio, que é possível usar materiais de tudo quanto é procedência, basta ter imaginação. Eles acharam incrível essa obra e falaram em comprar miniaturas de plástico em lojas de R\$ 1,99. Segundo Frange, “O pensamento é de desenho, pode ter linha de chumbo, néon, borracha...”²⁹



Fig. 32: Vik Muni “Narcissus, After Caravaggio”, 2005

²⁹ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. “*vasas.cidades.dos Alpes ao Ilha de Capri*”. GEARTE/PPGEDU/FACED/UFRGS, 16/12, 2008. (Comunicação Oral)

Aula: 30/09 Turma 103

Os mosaicos foram concluídos e ficaram muito lindos. Eles gostaram muito do resultado final.

Nessa aula volto a falar sobre o grafite. A direção disponibiliza o espaço, que seria na entrada da escola, onde há um pedaço de muro pequeno entre as grades dos portões. Eles acham o local pequeno, mas mesmo assim querem continuar com esse projeto. Proponho que façam em duplas um desenho projeto de como ficará o muro, desenhado e pintado.



Fig. 33: Desenho de C. R. – 17 anos, T. 103



Fig. 34: Desenho de T. S. – 15 anos, G. P. – 15 anos, T. 103



Fig. 35: Desenho de G. H. B. – 18 anos, Turma 103.



Fig. 36: Desenho de R. M. – 17 anos, Turma 103.

Após os projetos acabados, os alunos fizeram uma votação e decidiram que o desenho acima, de tamanho menor, é o escolhido para grafitar no muro da escola. O que está impedindo no momento a execução do projeto é a “verba”. A direção não poderá ajudar financeiramente e os alunos dizem que não possuem tal dispositivo. O jeito então é de adiar temporariamente o projeto.

Aula: 02/10 Turma 104

Continuam com a realização de maquetes. Sinto que o trabalho não está fluindo, ou por falta de material ou por falta de conhecimento em como realizar tal façanha. Eu também tenho dificuldade em orientar, pois não tenho muito conhecimento a respeito destas construções tridimensionais. Se tivessem sugerido esculturas em argila ou gesso, talvez houvesse maior fruição. Mas, enfim, aqui já posso colocar algumas fotos de maquetes que esses alunos realizaram, apesar do conhecimento bastante limitado de tal prática.



Fig. 37: Maquete dos alunos: G. B. – 16 anos; V. G. - 17 anos, T. 104



Fig. 38: Maquete dos alunos: R. C. C. – 17 anos; B. P. – 15 anos, T. 104

Aula: 07/10 Turma 103

Como os alunos dessa turma não puderam realizar o projeto do grafite no muro da escola por motivos financeiros, resolvi levar a eles uma proposta que eu, particularmente, gosto muito que é mandalas. Aqui contextualizo e mostro imagens diversas de mandalas de todos os tipos, desde desenhos até objetos de decoração. Os alunos se interessam bastante sobre isso, pois os modelos de mandalas exibidos são de informações relativas a personalidades, dependendo das cores têm um perfil psicológico. Então, interessa porque adolescentes estão em busca de sua identidade, personalidade, autonomia, enfim, em busca de si mesmos. Apesar de Frange afirmar que: “A mandala é essencialmente não representacional”.³⁰ E ainda propõe construções de anti-mandalas como forma de questionamento pessoal e sobre as imagens em realização.

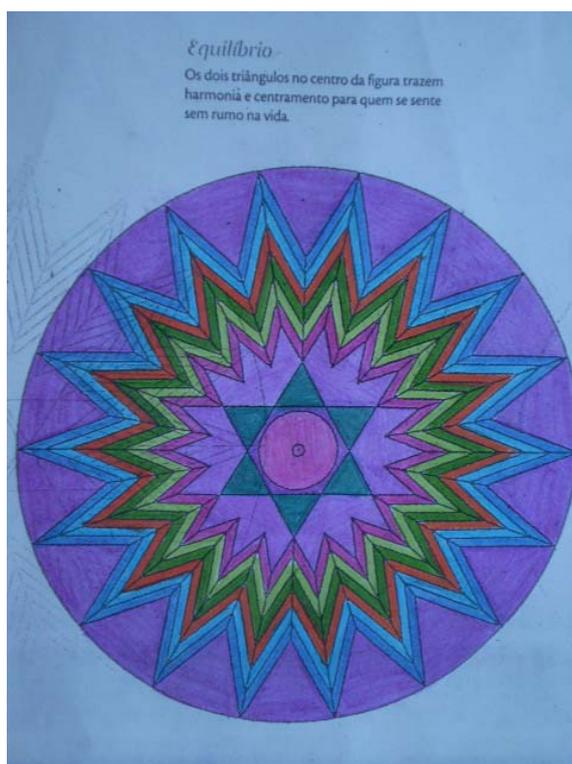


Fig. 39: Desenho de C. M. S. – 15 anos, T. 104

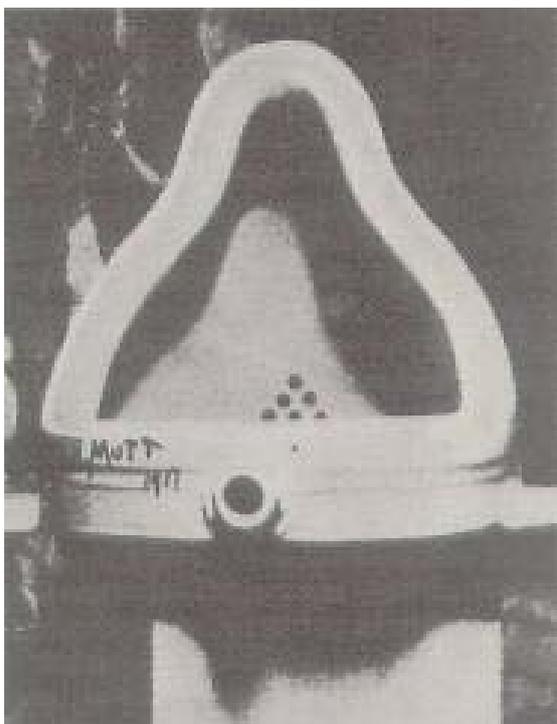
³⁰ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta?* São Paulo: ANNABLUME, 1995.



Fig. 40: Desenho pintado por B. P. – 15 anos, T. 104

Aula: 09/10 Turma 104

Alguns grupos ainda persistem na feitura das maquetes, mas sinto que cresce o desinteresse e suspendo as aulas para fazerem as maquetes em casa. Então resolvo falar um pouco de arte contemporânea e comento do Marcel Duchamp como um dos pioneiros da arte contemporânea, mas que nem ele mesmo tinha essa pretensão. Mostro imagens de obras dele e explico sobre os *readymade*. É claro que eles acham um absurdo as obras de Marcel Duchamp e não entendem como “isso” foi parar em museu, se referindo a obra do urinol de porcelana, chamada Fonte, 1917/1964, *Fontaine*. Mostrei também à obra chamada Roda de bicicleta, 1913/1964, *Roue de bicyclette*.³¹



**Fig. 41: Marcel Duchamp
“Fonte. Fontaine” - 1917/1964**



**Fig. 42: Marcel Duchamp
“Roda de Bicicleta. Roue de bicyclette”
1913/1964**

³¹ MINK, Janis. *Marcel Duchamp: a arte como Contra-Ataque – (1887-1968)*. Tradução : Zita Morais, Lisboa, TASCHEN, 2006.

Aula: 14/10 Turma 103

Nessa aula, mostro aos alunos uma mandala de metal em tridimensional.

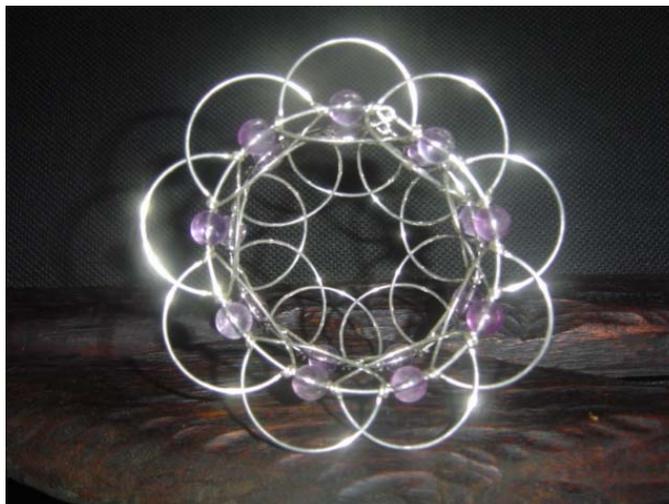


Fig. 43: Mandala de metal e pedras³²

Juntamente com o manuseio da mesma, eles escutam uma história que é contada em partes. Cada parte tem uma posição da mandala específica. Após, eles colorem mandalas prontas pela autora Celina Fioravanti, do livro *Mandalas*. Cada desenho tem uma proposta-frase já estipulada, ou seja, um desejo que a pessoa que colore repete a pintura e a fala para que este se realize. Os alunos riem muito, mas a autora, a que me referi anteriormente afirma e confirma que se curou de depressão ao pintar todos os dias a mesma mandala durante dois meses. Então, digo aos alunos que eu não tenho a intenção de utilizar as mandalas terapeuticamente, mas sim criativamente.

³² Disponível em <<http://eclipse.blog.uol.com.br>> Acesso em: 06 out. 2008.

Aula: 16/10 Turma 104

Então, nessa aula levei umas questões a serem respondidas pelos alunos em relação aos *readymades*, pois minha intenção é que os alunos criem seus *readymades*. Estas são as questões: Qual é a idéia? Que materiais ou objetos você utilizou? Qual é a sua intenção? Provocar o expectador ou público a que sentimentos? Sensações? Pensamentos? Reflexões? Conexões? Qual é o título de seu *readymade*?

Aqui apenas alguns questionamentos referentes à realização dos *readymades*. Na próxima aula farão as respectivas apresentações de suas criações.

Aula: 21/10 Turma 103

Nessa aula, os alunos criam a sua própria mandala. Conforme orientações iniciais, que seriam quanto ao uso de materiais como compasso, régua, lápis de cor, explico sobre simetria. Que poderão subdividir a mandala em quantas partes quiserem e que poderão ser simétricas ou não.



Fig. 44: Desenho de B. P. – 15 anos, T. 104



Fig. 45: Desenho de M. de J. D. – 15 anos, T. 104

Aula: 23/10 Turma 104

Nessa aula os alunos apresentam as criações dos *readymade*.



Fig. 46: Readymade de A. P. – 14 anos, T. 103

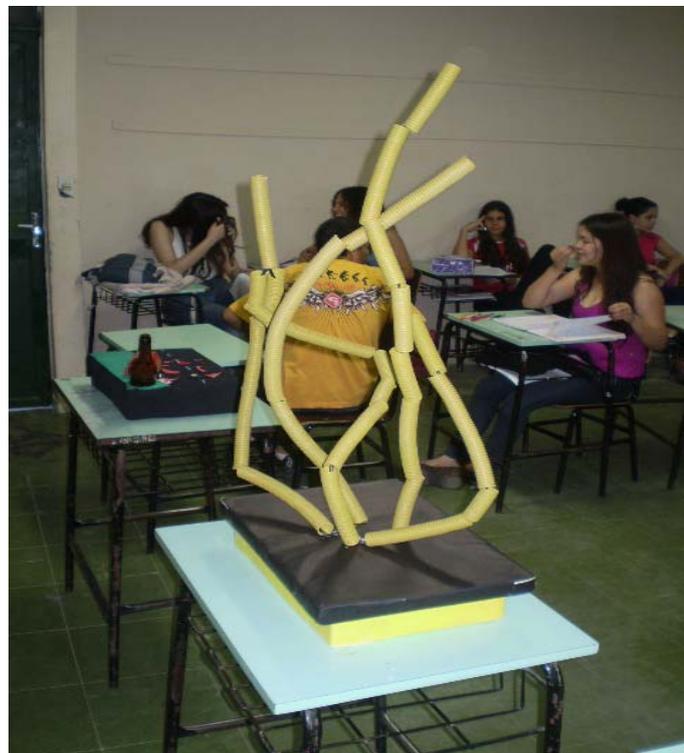


Fig. 47: Readymade de T. B. – 16 anos, T. 103

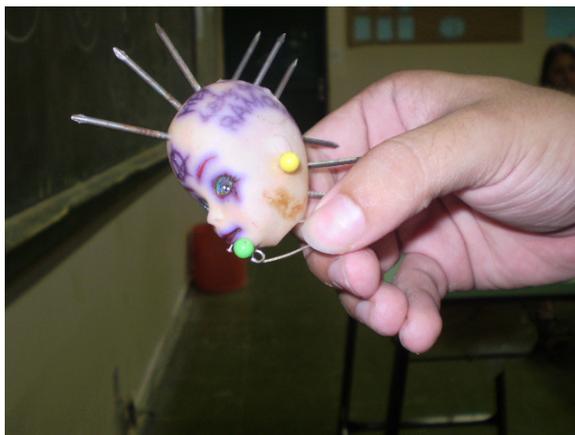


Fig. 48: Readymade de M. C. – 17 anos, T. 104

Fig. 46: Nesse *readymade* o aluno representou a garrafa de bebida de álcool bem maior que o carro, querendo dizer com isso que um dos maiores causadores de acidentes de trânsito é a bebida. O título da obra é *Se beber não dirija*.

Fig. 47: Aqui o aluno fez uma crítica à falta de criatividade. Obra: *Sei lá*.

Fig. 48: Nesse trabalho o aluno disse mostrar algo incomum. Obra: *Brinquedo da minha infância*.

Aula: 28/10 Turma 103

Aqui os alunos continuam na façanha de criar as suas próprias mandalas. Esse tipo de proposta sempre é muito interessante!!!! As mais diversas formas surgem, desde figuras geométricas até místicas. Mas são feitas com uma seriedade impressionante. Os alunos entram no espírito delas e vão transformando seus círculos com muita simbologia, que às vezes são reveladas como passagens de fatos da vida, como lembranças de sonhos, desenhos vistos na televisão, em vídeos games. E assim prosseguem nos desenhos.

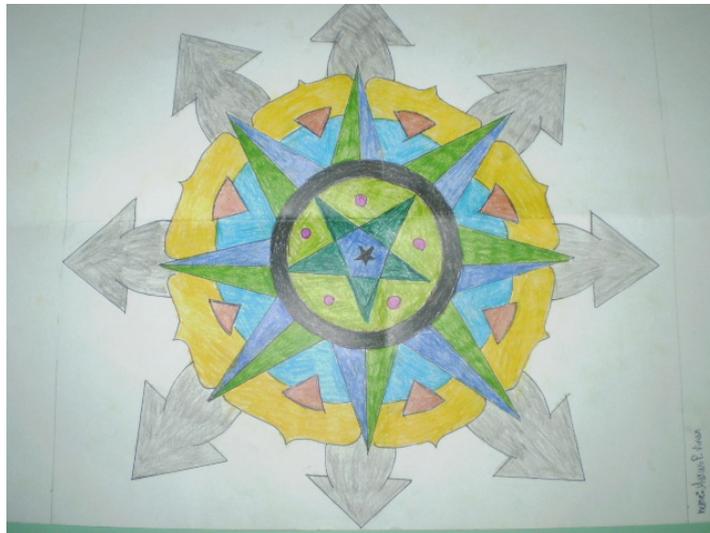


Fig. 49: Desenho de M. P. L. – 15 anos, T. 104

Aula: 30/10 Turma 104

Mais algumas amostragens de *readymade*...



Fig. 50: Readymade de R. A. – 15 anos, T. 104



Fig. 51: Readymade de K. S. – 14 anos, T. 104

Fig. 50: Nesse trabalho a aluna faz uma crítica à programação alienada das televisões, colocando uma boneca assistindo uma novela, ao lado esquerdo imagens representando o aquecimento global e ao lado direito elementos representando a poluição das grandes cidades. Obra: *A Alienada*.

Fig. 51: Aqui a aluna mostra a natureza submetida ao consumo. Uma árvore cortada servindo de base para divulgação comercial de produtos. Obra: *Desequilíbrio*.

Aula: 04/11 Turma 103

Depois de muito conversar com a turma de como viabilizar financeiramente a execução do projeto do grafite, descobriu-se que um dos alunos tem uma tia que comercializa tintas, o que veio a facilitar a concretização do projeto.



Fig. 52: Alunos executando o projeto escolhido do grafite. Turma 103



Fig. 53: Alunos executando o projeto escolhido do grafite. Turma 103 (2)



Fig. 54: Finalização do desenho “grafitizado”³³ dos alunos da Turma 103.

Obs. Os alunos realizaram esse grafite durante os períodos de Artes do mês de novembro.

Depois de concluídas essas aulas, dei-me conta que o ano se finda. Fica sempre a sensação do inacabado. Será que meus alunos acrescentaram algo a mais para suas vidas?? Conseguiram alargar conceitos de Arte, de Cultura, de Desenho? Sentiram? Experienciaram? Gostaram? Captaram, capturaram, se apropriaram de outras marcas do desenho feito por eles?

Esse período do ano letivo é uma loucura!!! Vêm aulas de estudos de recuperação, provas finais, cadernos de chamadas, minha outra função na escola, a supervisão, tomando conta de meu tempo e energia. As coisas vão se atropelando e vou terminando minhas aulas e essa monografia do jeito que é possível, nem sempre com capricho, enfim, termino aqui meu diário de bordo com a poesia de Paulo Leminski, que fala justamente sobre o inacabado, o incompleto, o imperfeito.

³³ Grafitizado: Imaginado, desenhado e executado em forma de grafite.

SUJEITO INDIRETO

*Quem dera eu achasse um jeito
de fazer tudo perfeito,
feito a coisa fosse o projeto
e tudo já nascesse satisfeito.
Quem dera eu visse o outro lado,
o lado de lá, lado meio,
onde o triângulo é quadrado
e o torto parece direito.
Quem dera um ângulo reto.
Já começo a ficar cheio
de não saber quando eu falto,
de ser, mim, indireto sujeito.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este trabalho foi realizado numa escola pública estadual, onde as dificuldades de ensino e aprendizagem são por demais conhecidas, visto a disciplina de Artes ser por demais estigmatizada, massificada, estereotipada e desvalorizada. Ainda precisa-se considerar que os alunos, na sua maioria, repetentes e desmotivados no meu desejo para elaborar um percurso em que o desenho inventivo, de criação artística deles seria o cerne do caminhar como professora titular da disciplina de Artes, nesse ano letivo.

O percurso pelo qual o desenho vai permeando as aulas foi sendo sentido, decifrado e definido com o passar dos dias, nada era engessado anteriormente. Algumas diretrizes haviam sim, mas sempre buscando nas propostas fundamentalmente o desenho livre, criativo, inventivo. A direção desse caminho procurou alcançar a amplitude de formas cada vez mais personalizadas e expressivas. Os caminhos do desenho livre passam pela experiência do fazer, do observar, do sensível, pensante, que inicialmente acontecem na intenção, mas depois se tornam ação.

Para que a atitude de desenhar, de formar figuras, imagens aconteça, percebeu-se que é importantíssimo como estímulo a ser oferecido imagens como referências. Essas orientam e desencadeiam pensamentos e imagens significativas, às vezes anteriormente conhecidas e experimentadas; e em outras são criadas intuitivamente. Isto é, uma imagem se qualifica pelo próprio conhecimento pessoal e também cultural de quem a desenha. Não significa que, embora essas ferramentas sejam usadas como estímulos para o desenho criativo, elas se cristalizem e não possam ser reelaboradas posteriormente, apesar de muitas imagens referenciais já estarem internalizadas e subseqüentemente acabarem aparecendo nos desenhos que a pesquisa trouxe.

Deste modo, é imprescindível comentar que o exercício de leitura de imagens deve fazer parte integrante do planejamento da disciplina de Artes. Essas leituras mostram significados diversificados de quem as observa. As informações, vivências pessoais e contextos culturais estão presentes em cada leitor procurando dar sentido a elas. Ler uma imagem implica ver as associações, conexões articuladas também a aspectos formais como

linhas, volumes e texturas. Enfim, saber e entender a apreciação e fruição da Arte em geral, segundo Ana Mae Barbosa³⁴, através da proposta da metodologia triangular.

Durante o percurso previamente elaborado, havia uma pré-disposição ao não desvio do caminho do desenho. Com o andar das aulas, e na escuta dos alunos que estavam participando ativamente do processo, aconteceu no meio do caminho um desvio. Esse aconteceu com a consciência permeando o trajeto. Eram solícitos quanto à mudança de matéria e de procedimentos. Então se permite o desvio, mas ainda fica longe o foco em questão. Apesar de o desenho sair do bidimensional, nunca se extinguiu totalmente do esboço, do imaginativo, do inventivo e do criativo, com toda a carga de conhecimento, vivências pessoais e culturais. Não se quebrou a pedra com formão ou um cinzel, se torneou, se poliu e principalmente se ampliaram as possibilidades de refletir, compreender e porque não solucionar terrenos que são incertos e às vezes irregulares.

³⁴ BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mãe. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. - 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DERDYK, Edith. *Designo. Desenho. Desígnio*. São Paulo: SENAC, 2007.

_____. *Linha do horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Porque se esconde a violeta?* São Paulo: ANNABLUME, 1995.

FUSARI, Maria F. de Resende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação geral)

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas. Seleção Fred Góes, Álvaro Martins*. São Paulo: Global, 1996.

_____. *O ex-estranho. Organização e seleção Alice Ruiz S. e Áurea Leminski*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba; São Paulo: Iluminuras, 1996.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. – 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

NÉRET, Gilles; Tradução de Lucília Filipe. *Salvador Dalí 1904 – 1989*. Lisboa: Taschen, 1994..

PAQUET, Marcel; Tradução de Lucília Filipe. *René Magritte 1898 – 1967: o pensamento tornado visível*. Lisboa: Paisagem Distribuidora de Livros LTDA, 1993.

SANTOS, Fausto dos. *A estética máxima*. Chapecó: Argos, 2003.

ADES, Dawn; com a contribuição de Guy Brett, Stanton Loomis Catlin e Rosemary O'Neill; Tradução de Maria Thereza de Resende Costa. *Arte na América Latina: a era moderna, 1820-1980*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

JANSON. H.W. e Anthony e Janson; Tradução de Jefferson Luiz Camargol. *Iniciação à História da Arte*. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DISSERTAÇÃO

RAMOS E RAMOS, Adriana Sottomaio. *Desenho brasileiro: quatorze artistas contemporâneos*. São Paulo: UEP, 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2006.

SITE

ECLIPSE. mandalas

Disponível: <<http://eclipse.blog.uol.com.br>> Acesso em: 06 out.2008.